

VESTURÁRIO E O CORPO FEMININO NO BRASIL AO LONGO DA HISTÓRIA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

The clothing and the women body in Brazil through the History: some considerations

SOUZA, Mariane Pizarro de; Graduada; Universidade do Sagrado Coração;¹
marianepizarro@yahoo.com.br

PIZARRO, Carolina Vaitiekunas; Doutoranda; Universidade Estadual Paulista,²
caroldipp@gmail.com

LANDIM; Paula da Cruz; Livre docente; Universidade Estadual Paulista;³
paula@faac.unesp.br

RESUMO

O vestir do corpo feminino refletiu – e reflete – de maneira particular as mudanças dos valores e crenças da sociedade na qual esteve – e está – inserido. O presente artigo busca traçar a partir da perspectiva histórica um breve panorama sobre de que maneira aspectos da sociedade brasileira influenciaram no vestir do corpo feminino no Brasil, ao longo do tempo.

Palavras Chave: Moda; História; Design e Corpo feminino.

ABSTRACT

The different ways of how to dress the female body reflected - and still reflects - in a particular way, the variations of the values and beliefs of the society in which he was - and is - inserted. This article provides an overview from a historical perspective of how aspects of Brazilian society influenced the different ways that the female body was dressed in Brazil over the time.

Keywords: Fashion; History; Design and Female body.

INTRODUÇÃO

O estudo do corpo – área de pesquisa que vem se destacando recentemente dentro da historiografia – configura um dos muitos focos de estudo no campo da moda. Este artigo traz discussões acerca do corpo – especificamente do corpo feminino – não em sua esfera biológica, mas no âmbito de uma construção cultural, o qual veste os princípios de sua sociedade e os reflete. A chegada dos colonizadores trouxe em um primeiro momento o confronto com uma população ameríndia desnuda e a necessidade de lidar com o nu como parte integrante do cenário cultural e social ali estabelecido.

¹ Graduada em História pela Universidade do Sagrado Coração de Bauru.

² Doutoranda em Design pelo Programa de Pós-Graduação em Design da UNESP de Bauru, Mestre em Design pelo mesmo programa e Bacharel em Desenho Industrial-Projeto de Produto pela mesma Universidade.

³ Livre-docente em Design de Produto pela Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista, UNESP - campus de Bauru, professora do Departamento de Design e do Programa de Pós-Graduação em Design da mesma Universidade.

Nos anos que se seguiram à colonização, a recente população brasileira – agora não somente composta por nativos – era fortemente influenciada pelos valores – e julgamentos – da Igreja o que impactou no modo de vestir feminino caracterizado por ser à época mais fechado e sem rebuscamento. A vinda da família real portuguesa – considerada porta-voz das tendências europeias da época – e mais adiante, as futuras e constantes mudanças socioculturais resultantes da industrialização terminaram por modificar substancialmente as percepções e relações entre as mulheres, seu corpo e como vesti-lo.

O presente artigo busca traçar a partir da perspectiva histórica com base em bibliografia pertinente, um breve panorama sobre de que maneira aspectos da sociedade brasileira influenciaram no vestir do corpo feminino no Brasil, ao longo do tempo.

O ESTUDO DO CORPO

Na atualidade, a História Social e a História Cultural destacam-se como o carro chefe da historiografia (SANTOS, 2005), fazendo com que novas abordagens e problemáticas de estudo ganhem destaque na academia. Um desses exemplos é o corpo, objeto de análise desse artigo, o qual ‘passou a figurar entre os temas de investigação histórica, adquirindo nos últimos anos um espaço cada vez mais significativo no âmbito da referida área’ (ENGEL, 1997, p. 215).

Esse corpo, que muito além de ser somente uma concepção biológica dotada de músculos e artérias, é uma construção sociocultural do seu tempo e espaço, no qual cada sociedade lhe dá uma roupagem condizente com seus valores e princípios. É no corpo que ‘estão inscritas todas as regras, todas as normas e todos os valores de uma sociedade específica, por ser ele o meio de contacto primário do indivíduo com o ambiente que o cerca’. (DAOLIO, 1995, p. 105 apud BARBOSA et al. 2011, p. 24). Assim, cada sociedade edificou o seu corpo e a ele atribuiu traços e significados próprios de sua identidade cultural, sendo moldado e modificado ao longo da história, de acordo com Goellner:

Não é, portanto, algo dado a priori nem mesmo é universal: o corpo é provisório, mutável e mutante, suscetível a inúmeras intervenções consoante o desenvolvimento científico e tecnológico de cada cultura bem como suas leis, seus códigos morais, as representações que cria sobre os corpos, os discursos que sobre ele produz e reproduz. (Goellner, 2003, p.28).

Portanto, o corpo pode ser entendido como um aspecto simbólico e material no qual estão esculpidos elementos sociais e históricos (ALMEIDA, 2012) sendo, então, uma construção histórico-cultural da sociedade na qual está inserido. Dessa maneira, há culturas que vestiram o seu corpo, outras tantas o deixaram nu, atribuindo-lhe aspectos eróticos, ou não. Tal diversidade de tratamentos do corpo caracterizou os diferentes povos e foram influenciadas por múltiplos fatores, tais como: a religião, as relações de poder e a vida íntima, por exemplo.

VESTUÁRIO E CORPO: CONSIDERAÇÕES SOBRE O CENÁRIO DO BRASIL PRÉ-INDUSTRIAL

Tomou-se como base para o início das discussões a visão dos europeus ante ao corpo desnudo das ameríndias, no período da colonização da América, incluindo-se o Brasil. Cabe ressaltar que os relatos realizados à época e que fundamentam a bibliografia utilizada são frutos da visão predominante do período, de uma sociedade colonizadora perante um povo desconhecido, com o qual a convivência seria inevitável. Em um primeiro momento, os ameríndios eram considerados pelos europeus “inocentes” e “puros”, ou ainda, “pedras a serem lapidadas”, como ressaltado por Raminelli (2009) ao citar o relato do frei Yves d’Evreux sobre os índios Tupinambás:

[...] nos selvagens ainda se encontravam vestígios da natureza divina, assim como se acham, na encostas das montanhas, pedras preciosas. Somente um louco poderia pretender encontrar sob a terra diamantes lapidados [...] Com essa metáfora, o frei Yves d’Evreux alertava os missionários sobre as potencialidades da conversão do gentio, sustentando que entre eles ainda havia resquícios da ordem natural, da ordem criada pela divindade (RAMINELLI in DEL PRIORE, 2009, p. 20-21).

Percebe-se, portanto, que apesar do estranhamento inicial entre a cultura europeia e ameríndia refletida em certa medida no corpo nu, o europeu passou a considerar o indígena como o “bom selvagem”, cuja nudez e inocência o relacionavam ao idílico paraíso perdido, de modo que tal postura permitiu sustentar a ideia da conversão dos ameríndios ao catolicismo (GOULÃO, 2000). Quanto ao corpo das ameríndias, essa concepção de inocência ficava evidente nas representações europeias do corpo nu, o qual não apresentava ares eróticos, como afirma Del Priore (2011, p.16):

Não à toa, nossas indígenas eram consideradas, pelos cronistas seiscentistas, criaturas inocentes. Sua nudez e des pudor eram lidos

numa chave de desconhecimento mal, ligando, portanto, a “formosura” à ideia de pureza. [...] A questão da sensualidade não estava posta aí. (DEL PRIORE, 2011, p.16).

Tal percepção, entretanto, não pode ser generalizada, uma vez que outra visão constituída pelos europeus sobre os ameríndios foi a de seres bestiais, bárbaros e selvagens ‘[...] filosofia necessária para legitimar o imperialismo civilizador europeu’ (GOULÃO, 2000, p. 180).

Neste panorama, os religiosos também começaram a demonstrar sinais de horror diante da nudez que se opunha aos dogmas da religião. Contudo, independente das atribuições dadas ao corpo dos ameríndios, os europeus tiveram que aprender conviver com a nudez, que era um traço cultural de tais povos (VAINFAS In: MELLO e SOUZA, 1997). Essa nudez não possuía necessariamente ares sedutores para a grande maioria dos europeus. Em verdade, esses acreditavam ser mais atraente o corpo coberto do que desnudo, como Raminelli (In: DEL PRIORE, 2009) aponta ao discutir o relato de Jean de Léry o qual comenta que os adornos utilizados pelas francesas eram muito mais eróticos do que a nudez explícita das índias.

Avançando no tempo, no que tange as relações entre o corpo feminino e o vestuário merecem destaque outras figuras femininas presentes no período Colonial no Brasil – séculos XVI-XVIII. Tal período foi marcado pela forte repressão a sexualidade feminina, fundamentado no pensamento de que o homem era superior à mulher. Nesse panorama, a Reforma Católica ao cobrir completamente a mulher a afastava de seu próprio corpo.

O corpo feminino inserido nessa sociedade misógina era objeto de diversas interpretações, as quais eram permeadas pelos adornos e vestimentas que revestiam este corpo ou a ausência deles. Um exemplo dessas relações pode ser verificado no que se refere ao vestuário das ricas sinhás, como destacado por Araújo (In: DEL PRIORE, 2009, p.54) ‘[...] as abastadas exibiam sedas, veludos, serafinas, cassa, filós, debruados de ouro e prata, musselina [...]. Além de chapéus variados, as mulheres ricas caprichavam no penteado’. Essa preocupação com o cabelo refletia a valorização que a estética corporal vinha adquirindo aliada ao uso de pós, unguentos, *rouge* e entre outros artifícios que atraíam o público masculino, o qual valorizava as curvas nas partes baixas do corpo, por vezes marcadas pelo

uso do espartilho, bem como os signos de feminilidade alcançados no rosto com o uso de cosméticos, além da alta valorização dos cabelos trabalhados em tranças e biotes. Diferente das sinhás, as mulheres pobres da Colônia se vestiam com roupas mais humildes e poucos adornos, além da própria vestimenta, a qual poderia ser '[...] raxa de algodão, baeta negra, picote, xales baratos e pouca coisa mais' (ARAÚJO in DEL PRIORE, 2009, p54). O autor ainda estende a discussão para o fato de que além das mulheres pobres, também as escravas, em sua maioria, se vestiam de maneira bem simples, com exceção das escravas de sinhá – apamentadas para acompanhar suas senhoras – e as escravas prostitutas, que assim como suas pares brancas, vestiam-se suntuosamente com sedas, telas e adornos de ouro, a fim de atrair os homens e sustentar seus senhores. No mais, as escravas se vestiam com '[...] uma saia de chita, riscado ou zuarte, uma camisa de cassa grossa, ou vestido de linho, ganga ou baeta' (ARAÚJO in DEL PRIORE, 2009, p54).

A vestimenta do corpo das escravas, contudo, apresentava peculiaridades como, por exemplo, o fato de por vezes, andarem semi-nuas causando estranheza nos estrangeiros, que Segundo Del Priore (2011) se devia ao fato de as escravas utilizarem poucas blusas que por vezes escorregavam pelo ombro deixando à mostra o seios desnudos, magros e caídos. Citando a própria autora, Vainfas (In: MELLO e SOUZA, 1997) destaca que no ritmo dos batuques e lundus ocorridos no Rio de Janeiro, os movimentos da dança glorificavam o que ocorria da cintura para baixo, a área coberta por saias, deixando, assim, os seios nus, e que talvez tenha sido essa postura uma das razões pelas quais os quadris e as chamadas nádegas tenham se tornado até hoje uma área erotizada do corpo pelos brasileiros.

Tal postura de interesse pelo que está “coberto”, pela vestimenta, pode ser verificada nos relatos de um viajante estrangeiro em terras brasílicas o qual dizia que imaginação excitava quando pelo olhar passavam figuras semelhantes a freiras, envoltas completamente em roupas das quais quase não se percebiam os pés delicados e elegantemente calçados, o braço torneado bem como os olhos que escapavam às rendas dos chapéus (DEL PRIORE, 2011). Percebe-se, portanto, que o hábito de vestimenta não-escravo predominante na época, composto por peças em excesso que deixavam poucas partes do corpo aparentes eram muito valorizadas.

A VINDA DA FAMÍLIA REAL PORTUGUESA: UM MARCO NO HÁBITO DE MODA BRASILEIRO

Historicamente, no início do século XIX, de acordo com Andrade (2011) a chegada da Família Real ao Brasil – em 1808 – constituiu um marco para que as preocupações com vestuário passassem a permear o imaginário dos habitantes do Brasil – principalmente os indivíduos mais abastados e os que possuíam contato com a Corte – exercendo principalmente forte influência nos gostos das mulheres – então muito reprimidas durante o século XVIII.

Para Maud (1997, p. 189 apud ANDRADE, 2011) antes da chegada da Família Real as mulheres viviam em regime de clausura, saindo apenas para ir à missa. As roupas eram pretas demonstrando sobriedade, seriedade e despojamento em relação ao efêmero, resultante da forte influência da ideologia da igreja católica na colônia nesta época. Com o passar do tempo, os gostos vigentes foram adaptados e as roupas pretas do século XVIII foram substituídas por novos modelos baseados na moda europeia, principalmente na francesa, sofrendo algumas modificações locais para adequar-se ao clima:

Os vestidos utilizados aqui eram suntuosos feitos de veludo e tafetá, sendo com o tempo substituído pela seda e tule de algodão, mais leves e condizentes com o clima. Os sapatos, os chinelos e as bolsas eram de seda e cetim, enfeitados com lantejoulas e vidrilhos, já os chapéus tinham flores e plumas. Mas apesar dos tecidos finos e da exuberância dos vestidos as brasileiras eram consideradas cafonas pelas europeias, resultado da mistura de tendências que faziam e da adaptação das roupas ao clima (ANDRADE, 2011).

Quanto às vestimentas das mulheres pertencentes às classes sociais menos abastadas houve ainda um predomínio do uso de roupas feitas com tecidos simples de algodão, ao que Andrade destaca:

Os negros que viviam dentro de casa como as amas de leite ou as amas secas, por exemplo, recebiam roupas elegantes e até jóias, já que interagiam com os donos da casa, assim como com os visitantes, por isto precisavam estar apresentáveis. Vestir elegantemente o negro da casa era uma forma de expressar a riqueza da família (ANDRADE, 2011).

Cabe destacar, contudo, que foi a partir do século XIX com as primeiras tentativas industriais no Brasil, que o então incipiente “mercado de moda” – principalmente o feminino – de diferentes classes sociais se beneficiaria de maneira importante.

O IMPACTO DA MECANIZAÇÃO INDUSTRIAL NO VESTUÁRIO DO CORPO FEMININO NO BRASIL

Na Europa, especialmente na Inglaterra, a mecanização da produção atingiu patamares importantes e segundo Cardoso (2008, p.27) o país chegou a deter um quase monopólio do comércio exterior europeu entre 1789 e 1815 sendo a produção de tecidos responsável por boa parte desse desempenho. Ainda de acordo com o autor, foi no decorrer do século XIX que países como França, Estado Unidos e Alemanha industrializaram-se em maior ou menor grau incluindo outras regiões e setores de outros tantos países, como o Brasil impactando na produção dos mais diversos artigos, incluindo vestuários. De acordo com Del Priore (2000):

O século XVIII introduziu na Europa tecidos novos: sedas, algodões, linhos. Os coloridos se diversificavam. Os ricos se adaptavam com mais rapidez a essa mudança de gosto, mas os pobres também aderiam. O que se ganhava em diversidade, perdia-se em solidez. Esse é o momento em que as classes menos abastadas começam, elas também, a acelerar o ritmo das compras (DEL PRIORE, 2000.p. 36).

Tais aspectos refletiram diretamente na maneira de vestir o corpo feminino cujas possibilidades em termos de tipos de tecidos, estampas e acabamentos se ampliaram e muito. A partir da segunda metade do Século XIX a Europa apresentou um aumento progressivo no consumo. Ao mesmo tempo, no período conhecido como Brasil República – período compreendido entre 1889 -1930 – a nação buscava se consolidar deixando de lado os ares coloniais, incluindo a abolição da escravatura em 1888 que originou um incipiente mercado consumidor em potencial. Nesse cenário, a moda como parte integrante da construção da identidade, também se tornava um negócio lucrativo no mundo todo. De acordo com Cardoso:

Durante todo o século XIX os modismos de vestuário se propagaram, atingindo novas camadas da população, principalmente através da circulação crescente de revistas de moda e estampa (*fashion plates*) [...] Até a Primeira Guerra mundial, contudo, a fabricação de roupas de moda permaneceu mais ou menos restrita a uma produção artesanal ou semi-artesanal, na forma de alfaiataria ou boutiques modistas. É no período entre as duas guerras mundiais que começa a tomar forma a alta costura e a indústria dos prêt-à-porter tais quais conhecemos hoje (CARDOSO, 2008, p.143).

Para OLIVETO (2012) após a Primeira Guerra Mundial o vestuário feminino passa a ser totalmente reformulado e as primeiras confecções brasileiras surgem como produtoras de artigos de moda – não mais como apenas importadoras de artigos do exterior:

[...] a moda continua sendo ditada pela França, mas surgem as primeiras confecções brasileiras, que adaptam modelos e tecidos. A carência de matéria-prima durante a guerra impulsionou a indústria têxtil, que começou a buscar soluções para substituir os tecidos importados. Como a mulher passa a fazer parte do mercado de trabalho, as roupas ficam mais práticas: aparecem os *tailleurs*, as saias ficam mais curtas e os costumes ganham cortes masculinos (OLIVETO, 2012).

A imagem a seguir é a reprodução de um anúncio de uma grande loja do tipo magazine carioca e reflete os trajes e acessórios vigentes na época – início do século XX – destacando a procedência parisiense dos modelos comercializados. Após o predomínio do corpete durante o século XVIII, o corpo feminino de então – predominantemente urbano e inserido no mercado de trabalho – era encoberto por modelos retos, tecidos delicados os quais suavizavam a silhueta e permitiam maior flexibilidade, como mostra a Figura 1.

Figura 1: Anúncio datado de 1922 de um grande magazine carioca (CARDOSO, 2008, p.88)



Com a invenção do cinema no final do século XIX, a vestimenta feminina do século XX é permeada pela influência dos figurinos presentes nas produções. Del Priore (2000) destaca que a partir do cinema americano novas imagens femininas começaram a se multiplicar, sendo a moda um dos principais meios articuladores do novo ideal estético imposto pela indústria de cinema americana. A autora ressalta ainda, que as mulheres passaram a contar na época, com variadas publicações como a revista *Cinearte* nas quais era possível tomar contato com notícias sobre como as estrelas se vestiam, quais cortes de cabelo utilizavam entre outras informações que traziam em seu conteúdo as principais tendências da época. A influência das tendências na produção de vestimentas femininas ocorre até os dias atuais tornando-se parte importante na produção de projetos de moda. Para Caldas:

[...] os significados das palavras tendência e moda fundem-se, podendo, no limite, ser empregadas uma pela outra, uma vez que o

que é apresentado como tendência pelos vários componentes da cadeia têxtil, via de regra, é algo que já se transformou ou que se pretende transformar em moda. Por outro lado, emprega-se tendência como adjetivo: para a moda, significa alguma coisa que está muito em voga (Caldas, 2004, p.50).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O corpo ganha diversas interpretações no decorrer do tempo e em diferentes sociedades sendo a vestimenta parte integrante e influente dessas interpretações. Especificamente no caso do corpo feminino no Brasil, mesmo os desnudos corpos das ameríndias já sofriam julgamentos e foram interpretados de diferentes maneiras de acordo com a literatura.

No que tange às personagens históricas cuja vestimenta completa fazia parte de sua vida social – as mulheres da colônia, escravas ou não – ficou perceptível que o vestir do corpo feminino sofreu constantes influências externas, sendo essas em um primeiro momento mais repressoras e originadas principalmente por parte da Igreja, instituição muito influente na conduta social de então. Com o passar dos anos, o vestir feminino no Brasil foi libertando-se progressivamente, conforme se modificavam os hábitos e aumentava o consumo, sendo a vinda da família real um marco histórico importante nessas mudanças. Também merece destaque a proliferação dos meios de informação – por meio de revistas, cartazes e catálogos – que em conjunto à industrialização europeia – e mais tarde brasileira – favoreceram a divulgação ampla das tendências de moda europeias, as quais em um primeiro momento foram trazidas ao Brasil pelas casas de comércio de tecidos e mais tarde pelas primeiras fábricas nacionais. Sendo a mulher um dos principais públicos-alvo da produção de moda e também historicamente alvo de intensos julgamentos de conduta e fortes influências quanto ao vestir do seu corpo, o presente artigo buscou de maneira sucinta contribuir para a produção científica e para a reflexão acerca do tema. Cabe ressaltar que o estudo do corpo e suas interpretações, são estudos recentes e que necessitam de constantes e novas pesquisas, sendo ainda um campo vasto a ser explorado, principalmente ao que tange essas questões na América e no Brasil.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. G; Corpo e Escrita: imaginários literários. IN: Revista UFMG, Belo Horizonte, v.19, n.1 e 2, p.92-111, jan./dez. 2012. Disponível em:

<https://www.ufmg.br/revistaufmg/pdf/REVISTA_19_web_92-111.pdf>. Acesso em: 6 de maio de 2014.

ANDRADE, G. E. A Moda no Século XIX e os seus Reflexos no Brasil Oitocentista. História e-história: Revista eletrônica do Núcleo de Estudos Estratégicos/Arqueologia da Unicamp - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 22 Nov.2011. Disponível em:<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=406#_edn1>. Acesso em: 15 fev.2015.

BARBOSA, M. R., MATOS, P. M., & COSTA, M. E; Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. In: Psicologia & Sociedade, 23(1), 24-34, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v23n1/a04v23n1.pdf>>. Acesso em: 6 de maio de 2014.

CALDAS, D. Observatório de sinais: teoria e prática da pesquisa em tendências. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2004.

CARDOSO, R. Uma introdução à história do Design. São Paulo: Editora Blucher, 2008.

DEL PRIORE, Mary (Org.). História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto; Ed. UNESP, 2009.

_____.Corpo a corpo com a Mulher. Pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil. São Paulo: SENAC, 2000.

_____.Da colônia ao império. In: Histórias Íntimas: Sexualidade e erotismo na história do Brasil, São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

ENGEL, M. G.; O corpo como objeto da história: elementos para um debate. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 19., 1997, Belo Horizonte. História e cidadania. Anais do XIX Simpósio Nacional da ANPUH – Associação Nacional de História. São Paulo: Humanitas, FFLCH-USP/ANPUH, 1998. v. 1, p. 215-220. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/?p=16467>> . Acesso em: 6 de maio de 2014.

GOULÃO, M. J; Do homem selvagem ao índio brasileiro: a construção de uma nova imagem da humanidade na arte europeia de Quinhentos. In: A Carta de Pero Vaz de Caminha: documentos e ensaios sobre o achamento do Brasil. Rio de Janeiro: Xerox do Brasil, 2000. p.173- 195. Disponível em: < <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/1820/2/344.pdf>>. Acesso em: 7 de maio de 2014.

GOELLNER, S. V.; A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Orgs.) Corpo gênero e sexualidade: um debate contemporâneo. Petrópolis, Vozes, 2003.

OLIVETO, P.A moda em 500 anos de Brasil.Fashion Bubbles.2012. Disponível em: <<http://www.fashionbubbles.com/historia-da-moda/a-moda-em-500-anos/>> . Acesso em: 15 fev.2015.

SANTOS, A. P; Trajetórias da História Social e da Nova História Cultural: cultura, civilização e costumes no cotidiano do mundo do trabalho. In: Anais do IX Simpósio Internacional Processo Civilizados: Tecnologia e Civilização. v. 1, 2005, pp. 1-8. Disponível em:<<http://www.historia.ufg.br/pages/19870-trajetorias-da-historia-social-e-da-nova-historia-cultural-cultura-civilizacao-e-costumes-no-cotidiano-do-mundo-do-trabalho>>. Acesso em: 6 de maio de 2014.

VAINFAS, R. Moralidades brasílicas: deleites sexuais e linguagem erótica na sociedade escravista. In: Laura de Mello e Souza. (Org.). *História da Vida Privada no Brasil*. 6 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, v. 5, p. 221-274.